
Diversidade nas telas: uma análise sobre a presença e as subjetividades de jornalistas LGBTQIA+ no telejornalismo ¹

Patrick Lóss Fernandes da SILVA²

Arthur Felipe de Oliveira FIEL³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

A baixa representatividade de profissionais LGBTQIA+ no telejornalismo brasileiro é notória. Mas, com seus discursos, esses profissionais atuam como porta-voz para a diversidade dos corpos e vozes e têm papel crucial nas lutas sociais. Este estudo buscou, por meio de pesquisa bibliográfica e audiovisual, analisar a participação, a representatividade e a importância da visibilidade de profissionais LGBTQIA+ no telejornalismo brasileiro. Também discute a subjetividade na construção de notícias sobre a comunidade por meio do discurso, alisando casos de profissionais que falaram abertamente sobre suas orientações sexuais em telejornais. A pesquisa evidencia a ausência de jornalistas LGBTQIA+ no setor e a importância do discurso desses na luta contra a LGBTQIA+fobia e pela inserção da comunidade no telejornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; LGBTQIA+; subjetividade; representatividade.

INTRODUÇÃO

O surgimento da televisão no Brasil é datado em 1950, e essa tecnologia constitui, ainda hoje, o principal meio de divulgação e acesso às notícias no país. Desde então, a televisão desempenha um papel crucial na construção da memória coletiva ao apresentar programas que moldam a percepção da realidade social. (BECKER, 2022).

Contudo, é necessário pensar a televisão além da ficção, com suas novelas, filmes e seriados, e compreender também o telejornalismo como um de seus produtos, reflexo da sociedade e promotor da diversidade. Nesse sentido, apesar de alguns avanços recentes, é evidente a falta de representatividade de profissionais LGBTQIA+ no cenário do telejornalismo brasileiro (MONTALVÃO, 2020; CERQUEIRA, 2022; SILVA e FIEL, 2023).

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFES, e-mail: patrick.f.silva@edu.ufes.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da UFES, e-mail: arthur.fiel@ufes.br

Em vista disso, é relevante pontuar que a mídia, como instância social, tanto pode legitimar quanto silenciar grupos e sujeitos, o que torna a televisão determinante na busca por poder e por representatividade. Assim, Darde (2008) afirma que a mídia, ao garantir a participação de pessoas LGBTQIA+ em seus canais, contribui “para perturbar a tranquilidade da heteronormatividade reproduzida na sociedade” (p. 228).

De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, foram registrados mais de 2,3 mil casos de agressões a pessoas LGBTQIA+ no Brasil, em 2022 (FBSP, 2023). No combate às discriminações por orientação sexual, a mídia tem sido importante aliada, apesar de ter muito ainda para se avançar.

No âmbito do telejornalismo, um ambiente cis-heteronormativo (ASSIS, 2023), considera-se que o jornalista, embora subordinado à organização para a qual trabalha, desempenha um papel ativo ao tomar decisões fundamentadas em sua posição cultural, política e ideológica. Na rotina das redações, crenças e interesses pessoais dos jornalistas também são considerados. A visão de mundo, tanto dos dos receptores como dos emissores constroem a produção das matérias (ASSIS, FREIRE e AYRES, 2021). Assim sendo, o jornalista atua como um porta-voz essencial para a diversidade de vozes presentes na sociedade e tem papel crucial nas lutas sociais (OLIVEIRA, 2021).

Em virtude disso, por meio de levantamento bibliográfico e de recortes audiovisuais de telejornais, este estudo buscou analisar a participação, a representatividade e a importância da visibilidade de profissionais LGBTQIA+ no telejornalismo brasileiro, além de refletir sobre a subjetividade na construção de notícias sobre a comunidade por meio do discurso desses profissionais. O estudo se justifica pela percepção da ausência de jornalistas LGBTQIA+ nesse ramo da profissão em âmbito nacional e pela discussão acerca da subjetividade como ferramenta de visibilidade, ante à premissa da objetividade jornalística.

METODOLOGIA

Esta pesquisa pode ser classificada como: aplicada, por utilizar e aplicar conceitos e conhecimentos para analisar a realidade a ser estudada e entender o problema; bibliográfica e documental, visto a necessidade da busca por estudos sobre o tema e seu contexto, bem como de documentos, notícias, materiais audiovisuais e dados oficiais que tange o assunto abordado (GIL, 2008).

Para atingir os objetivos do estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica, com buscas na plataforma Google Acadêmico. Foram definidas as palavras-chaves: “telejornalismo” “representatividade” “LGBT” (e suas variáveis) e “heteronormatividade”, além de notícias e reportagens sobre o assunto, como histórias e relatos de profissionais que se expuseram e/ou sofreram preconceitos por sua orientação sexual.

Inicialmente, a leitura exploratória do material encontrado permitiu avaliar a compatibilidade com a temática estudada. Com isso, foi feita uma nova seleção dos textos, a partir da leitura interpretativa desses, que subsidiaram a escrita. Por fim, foram analisados 25 materiais bibliográficos, incluindo livros, relatórios, reportagens e artigos científicos sobre o tema.

Também foi realizada a busca e análise de materiais audiovisuais, com recortes de telejornais com a participação de jornalistas assumidos LGBTQIA+ em momentos que abordam de forma explícita sobre seu pertencimento à comunidade. Essa busca foi realizada no Youtube e na rede social “X”, pesquisando por nomes de jornalistas e apresentadores assumidos LGBTQIA+. Após uma análise dos materiais, foram selecionados e analisados 6 passagens de telejornais, no período de 2020 a 2023^{4 5 6 7 8 9}.

Nessa etapa do estudo, a metodologia de Análise do Discurso proposta por Brandão (2012) permitiu analisar o discurso dos profissionais nos telejornais como construção linguística e ideológica. Observou-se, portanto, como o discurso dos jornalistas foi construído, por meio das palavras utilizadas, do modo como foi proferido e do contexto de cada caso, a fim de apontar como as subjetividades do discurso comunicam a sexualidade e o ativismo do emissor.

Assim, foi possível, com base na literatura e na análise dos conteúdos audiovisuais, correlacioná-los e analisar a problemática proposta para cumprir com o objetivo do estudo.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=yfN0P0WrJqU>

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=5jE3Eck1FtM>

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=GyBivIzaztg>

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=GyBivIzaztg>

⁸ https://www.youtube.com/watch?v=wyCeVLD5_vM

⁹ <https://x.com/elvisplaylive/status/1326530679379726336>

PRESENÇA E REPRESENTATIVIDADE DE PROFISSIONAIS LGBTQIA+ NO TELEJORNALISMO

Apesar da resistência de parcela da população influenciada, sobretudo, pelo conservadorismo, a representatividade de pessoas LGBTQIA+ na televisão tem sido, notoriamente, crescente. Para Cerqueira (2022), a televisão brasileira tem contribuindo para a naturalização da participação dessas pessoas em locais de visibilidade. Nesse contexto, Mendes (2017) discute sobre o estereótipo das representações de LGBTQIA+ na mídia, e problematiza que em novelas, séries e filmes o personagem gay sempre é caracterizado como afeminado, interpretado por atores de fora da comunidade.

Além disso, o telejornalismo também tem dado espaço à luta por representatividade dessa população. Entretanto, ainda há impasses, como o citado acima, nas formas de representação da comunidade nas telas. DARDE (2009) considera que tanto as empresas de comunicação, como os jornalistas, ainda produzem discursos que contribuem para a manutenção da normatividade vigente, e dessa forma, reforçam processos discriminatórios no que tange à temas de diversidade sexual.

A fim de compreender este processo, Darde e Morogi (2012) analisaram quais as representações sobre a população LGBT os jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo ajudam a construir na sociedade brasileira e concluíram que “enquanto a heterossexualidade não for problematizada pelo jornalismo e debatida na esfera pública de forma aberta e democrática fica difícil romper os preconceitos e a violência contra a população LGBT.” (pag. 149)

Mas além de noticiar e mostrar personagens LGBTs como pauta, é fundamental que essas pessoas estejam inseridas no mercado do telejornalismo. O relatório do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (LIMA, 2022) é incompleto no que diz respeito a essa população. O próprio documento destaca que os respondentes apontaram que o questionário precisa considerar mais questões específicas sobre classe, gênero, orientação sexual e raça, visto que essas questões afetam o trabalho dos jornalistas.

Para CERQUEIRA (2022) a dificuldade de acesso dos profissionais LGBTQIA+ nos espaços do telejornalismo é consequência de práticas conservadoras ainda presentes na sociedade. De forma estrutural, isso desfavorece e marginaliza os profissionais que não se enquadram no padrão estabelecido - a cis-heteronormatividade.

Outrossim, ASSIS (2023) destaca que embora por muito tempo, jornalistas LGBTQIA+ ocuparam unicamente espaços alternativos na mídia, esses profissionais têm conquistado lugar na imprensa convencional. Entretanto, o autor aponta que as manifestações públicas relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero de jornalistas, ainda são tratadas como experiências que fogem ao padrão, sobretudo com profissionais do telejornalismo.

Nesse sentido, a literatura destaca que os jornalistas estão fadados a uma realidade estereotipada pela heteronormatividade presente na classe por muitos anos. Porto e Feitosa (2017) apontam como desafios dentro das empresas de comunicação, um sistema de constrangimentos e sanções, retaliações não decorrentes de mau desempenho ou comportamento, diferença salarial, retaliação de oportunidades, imposições para conter os seus trejeitos e disciplinamento do próprio corpo. Destaca também que o jornalista gay se autocensura, tentando se mostrar “menos gay”.

À vista disso, Moura e Nascimento (2021) apresentam uma discussão sobre o gay afeminado nas organizações e apontam que o profissional com traços considerados afeminados é tido como alguém menos capaz para o trabalho. Entende-se, a partir disso, o receio de profissionais se assumirem, assumirem seus trejeitos ou até mesmo de ingressar em certas áreas que demandam exposição, como é o caso do telejornalismo.

Darde (2009) e Silva (2014) apud Assis (2023) afirmam que jornalistas da comunidade LGBTQIA+ se deparam com tais questões de constrangimentos no local de trabalho, por ser um “ambiente cis-heteronormativo e predominantemente pautado em parâmetros correspondentes ao ideal de masculinidade perpetrado ao longo do tempo.” (pág. 154)

Assis (2023) também considera que quanto mais o profissional se afasta deste padrão, por ter características distintas ao do homem cis heterossexual, as condições enfrentadas no seu exercício profissional são ainda mais desfavoráveis. Nesse sentido, o autor apresenta uma discussão acerca do conceito de “divisão sexual do trabalho”, formulado a partir do padrão binário (masculino-feminino) para a problemática estudada.

“A separação e a hierarquização do trabalho, que historicamente colocaram as mulheres em posição inferior aos homens, também situam as/os/es LGBTQIA+ em lugar desfavorável, justamente porque estão em lado oposto aos que ocupam o topo da pirâmide (homens cis e heterossexuais) [...]” (ASSIS, 2023; pág. 160)

Outrossim, Montalvão (2020) destaca que esses profissionais, para se adequarem às premissas das empresas de comunicação, abrem mão dos trejeitos, falas, sotaques e até mesmo de seus corpos. O autor também aponta que em alguns casos, jornalistas que não conseguem abdicar de suas características para se adequarem ao padrão cis-heteronormativo acabam nem sendo contratados, reforçando a ideia de Assis (2023) pontuada acima.

Outro fator que diz respeito ao ambiente do jornalismo e corrobora para a problemática é o paradigma da busca pela objetividade, como artifício para se criar um efeito de neutralidade no discurso jornalístico. Além disso, no telejornalismo, a premissa é que nada pode destoar do foco, que é a notícia por si só, e, por isso, o jornalista não deve expressar seu ponto de vista ao noticiar (MONTALVÃO, 2020; MARTINS E MARTINS, 2021).

Entretanto, Martins e Martins (2021) apresentam uma discussão a respeito das transformações no fazer jornalístico e como a subjetividade, opondo-se a ideia da objetividade jornalística, tem contribuído em abordagens que promovam questões de direitos humanos a partir de relatos pessoais no telejornalismo. Dessa forma, as autores destacam que essas mudanças permitiram observar, recentemente, entre outros casos, jornalistas homossexuais tomarem posição e falarem abertamente sobre suas orientações sexuais nos telejornais em que atuam.

Concomitante a isso, o que é notório é que quando um jornalista com visibilidade na TV expõe sua sexualidade, passa a ser notícia e muitas vezes, alvo de preconceito. Assis (2023) também destaca que, ao tomar essa atitude, os profissionais são vítimas de ataques, principalmente nas redes sociais e têm suas identidades sexuais ou de gênero com que se identificam invisibilizadas, devido à estrutura social que impõe ainda um forte padrão binário.

Nesse contexto, cabe destacar, primeiramente, o caso de Rachel Maddow, uma das mais famosas apresentadoras dos Estados Unidos. Em 2008, Maddow tornou-se a primeira âncora assumidamente lésbica a apresentar um jornal em horário nobre nos Estados Unidos, abrindo espaços e encorajando vários outros profissionais (BENÍCIO, 2018).

No Brasil, esse movimento é recente e tem ganhado visibilidade nos últimos anos com o auxílio das redes sociais. Um dos casos de grande repercussão na mídia brasileira foi o da jornalista Fernanda Gentil, então âncora do "Esporte Espetacular", em 2016, ao

assumir seu relacionamento com a também jornalista Priscila Montandon. Já a repórter do “Mais Você”, Nadia Bochi e a apresentadora da Globo News, Leilane Neubarth, receberam apoio nas redes sociais ao se abrirem sobre suas orientações sexuais (BENÍCIO, 2018).

Além delas, o posicionamento dos homens, que carregam o peso do jornalista cis-heteronormativo, também tem sido comum. De forma semelhante às jornalistas citadas, o apresentador da CNN Brasil, Daniel Adjuto, assumiu seu namoro com o médico Rafael Pinto Rocha em uma rede social e, dias depois, falou abertamente sobre o relacionamento em frente às câmeras. Nesse mesmo sentido, pontuam-se os casos do âncora Marcelo Cosme, do 'GloboNews em Pauta', do repórter e apresentador Fabio Ramalho, da Record Rio, do âncora Juliano Dip, do 'Manhã BandNews' e do casal de repórteres da TV Globo Pedro Figueiredo e Erick Rianelli, que estão juntos há cerca de nove anos (BENÍCIO, 2021; UOL, 2022).

Ainda entre os jornalistas, um dos casos mais famosos foi o do comunicador Matheus Ribeiro, que em 2019 se tornou o primeiro jornalista abertamente homossexual a ocupar a bancada do Jornal Nacional, o telejornal de maior audiência no Brasil. O momento foi histórico e importante para a comunidade; o jornalista relatou que recebeu muito apoio pelas redes sociais, onde compartilha sua vida pessoal e profissional (UOL, 2022).

Mas além de mensagens de apoio, os jornalistas ainda sofrem com o preconceito de uma sociedade machista, homofóbica e heteronormativa. O próprio Matheus Ribeiro relatou ser alvo constante de comentários homofóbicos, tanto nas redes sociais, como em locais que frequenta. Já o jornalista Rômulo D'Ávila, da TV Globo, foi vítima de homofobia por causa de sua ação durante a cobertura de uma enchente em São Paulo pelo jornal “Hora 1”. Após tentar socorrer um idoso, um homem atacou Rômulo em uma rede social, dizendo que ele era “muito gay” e já não conseguia enganar. O jornalista, que é assumidamente gay, não se intimidou e respondeu o criminoso na mesma rede social (DIAS, 2021).

A SUBJETIVIDADE EM QUESTÃO: O DISCURSO COMO ATIVISMO NO TELEJORNAL

Para Genro Filho (1987) o “mito da transparência e da imparcialidade” tem como premissas a valorização do jornalismo como produto comercial e o reforço da hegemonia burguesa e capitalista, de modo a ocultar outras vivências e realidades que fogem do padrão. No mesmo viés, Martins e Martins (2021), apontam que o paradigma da objetividade jornalística “passa a ser visto, de maneira mais incisiva, como uma premissa que mascara um teor ideológico e que se presta à perpetuação da desigualdade social.”

Dessa forma, considerando as recentes transformações no modo de fazer o telejornalismo, fez-se necessário para este estudo, analisar a oposição à objetividade jornalística em recortes audiovisuais de telejornais nos quais jornalistas com grande visibilidade expõe abertamente suas identidades e pertencimentos à comunidade LGBTQIA+.

Neste primeiro recorte, em 12 de junho de 2020, o repórter da TV Globo, Erick Rianelli, proferiu uma declaração amorosa para seu esposo, o também jornalista da TV Globo, Pedro Figueiredo, ao vivo no telejornal "Bom Dia Rio".

“Pedro Figueiredo, nosso colega, repórter, meu amor, meu marido: eu te amo. Feliz dia dos namorados pra gente e para todos os casais apaixonados que estão nos assistindo”

Ao desejar feliz dia dos namorados ao marido, Rianelli não apenas quebra uma suposta neutralidade, mas também desafia tabus que historicamente reprimem a expressão afetiva entre casais do mesmo sexo na mídia. Sua declaração pública, além de celebrar seu relacionamento, questiona as fronteiras entre o profissional e o pessoal no telejornalismo.

Em outro caso importante a ser pontuado, durante a cobertura de uma matéria sobre uma clínica que prometia "cura gay", o jornalista Matheus Ribeiro também compartilhou sua própria experiência como pessoa LGBT+, em um telejornal da TV Record do Distrito Federal, em novembro de 2020. O jornalista disse:

“Em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde deixou de considerar o amor entre duas pessoas do mesmo sexo, uma doença. Trinta anos se passaram e, hoje, acredite, elas até se casam.”

Nesse momento, ele mostra sua mão com uma aliança. E acrescenta:

“Portanto, só faz sentido nós falarmos em cura para uma coisa: a cura do preconceito”.

Com a fala e com o gesto, o jornalista introduz uma perspectiva pessoal e emocional à reportagem. Sua fala vai além do discurso jornalístico convencional, posicionando-o como um defensor e porta-voz dos direitos e da dignidade da comunidade LGBT+.

Outrossim, durante uma discussão sobre o trabalho dos profissionais de saúde durante a pandemia de Covid-19, em fevereiro de 2021, o apresentador da Globo News, Marcelo Cosme, mencionou ao vivo seu namorado, um médico que trabalha em uma UTI. Ele estava entrevistando uma especialista da área e fez a referência ao abordar a rotina de trabalho dos profissionais de saúde com as UTIs lotadas

“Acho que a gente nem pode imaginar [o trabalho dos profissionais de saúde]... Na verdade, eu vou ser sincero com quem está nos assistindo: eu posso imaginar, porque o meu namorado ele é médico e trabalha numa UTI, onde as pessoas são recebidas com Covid-19.”

A referência pessoal tratada pelo apresentador adiciona uma dimensão subjetiva à cobertura jornalística, revelando uma conexão direta do jornalista com o tema discutido. Ao compartilhar essa informação, Marcelo Cosme, além de ir contra os padrões hegemônicos da objetividade e da cis-heteronormatividade do telejornalismo, também foi capaz de humanizar a narrativa, numa demonstração de empatia e solidariedade com os profissionais de saúde.

Já no contexto da cobertura da morte do ator Paulo Gustavo, em maio de 2021, o repórter da TV Globo, Pedro Figueiredo, ao vivo no telejornal RJTV, além de relatar os fatos, também compartilhou sua identidade como LGBTQIA+, revelando sua conexão pessoal com o acontecimento.

“Ele [Paulo Gustavo] deixa um vazio também para a comunidade LGBT, para as pessoas que são gays, como é o meu caso, por exemplo, pela representatividade que ele tinha em fazer da arte dele também uma forma de quebrar o preconceito”.

Ao expressar que também é gay e sentir o vazio deixado por Paulo Gustavo para a comunidade LGBT+, o repórter introduz uma perspectiva subjetiva à cobertura

jornalística. Sua fala vai além do tom neutro esperado no jornalismo tradicional, humanizando a narrativa e demonstrando empatia com o público LGBTQIA+.

Em uma data importante para a comunidade, no Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+, em 28 de junho de 2023, o apresentador Juliano Dip escolheu se manifestar ao vivo no Band News, abordando o "apagão" de políticas públicas para a população LGBTQIA+ durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, e completou:

“Escolhi uma máscara especial para minha despedida aqui hoje. Todo mundo sabe, eu também sou LGBT e tenho muito orgulho de usar este arco íris, não só hoje, mas todos os dias”.

Sua decisão de abordar sua identidade ao final da fala adiciona uma camada de subjetividade à sua análise política. Ao se autoidentificar como parte da comunidade que está sendo discutida, o jornalista se posiciona como um indivíduo afetado pelas políticas em debate.

No mesmo contexto temporal da fala de Juliano Dip, em junho de 2023, ao abordar a busca pela aceitação e respeito da comunidade LGBT+ durante o programa "Conexão Globo News", a jornalista Leilane Neubarth introduz uma reflexão sobre direitos civis e inclusão.

“O que nós da comunidade LGBT+ queremos é apenas o direito de ser quem nós somos, e que você respeite o nosso direito.”

Sua declaração ao vivo expressa um desejo de toda a comunidade LGBTQIA+, dando também à apresentadora um lugar de porta-voz. Mas outra análise a ser pontuada no caso da jornalista Leilane Neubarth é a diferença no processo de aceitação entre homens e mulheres que estão nesta posição e se assumem LGBTQIA+. Os casos dela e, por outros exemplos, das jornalistas Fernanda Gentil e Nadia Bochi, parecem ter “incomodado menos” do que os relatos dos jornalistas homens que, como já mencionado, estão ainda mais sujeitos ao padrão cis-heteronormativo da profissão e a serem vítimas de preconceitos.

Nesse sentido, Borrillo (2009, apud Martins e Martins 2021), afirma que essa aceitação no caso das jornalistas mulheres mostra um teor misógino que sexualiza a mulher como objeto de desejo masculino. Dessa forma, as relações erótico-afetivas entre mulheres são invisibilizadas e tidas como impensáveis para os homens.

Todos estes exemplos destacam como os jornalistas LGBTQIA+ têm usado seus espaços no telejornalismo não apenas para informar, mas também para compartilhar suas próprias experiências e perspectivas de forma subjetiva na cobertura jornalística, contribuindo para uma narrativa mais inclusiva e autêntica.

Para isso, observa-se que em todos os casos mencionados, os jornalistas utilizam o discurso em primeira pessoa, colocando-se como sujeitos participantes da notícia. É importante, neste estudo, entender o uso da linguagem como recurso de ativismo por meio do discurso. Para Brandão (2012), “o discurso é o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos”. As ideias de análise do discurso propostas pela autora expõem que o linguístico é o lugar onde o homem se faz sujeito, um sujeito concreto, histórico, porta-voz de um amplo discurso social.

Nesse sentido, o uso das expressões “eu”, “nós”, “meu” e variáveis nos discursos dos jornalistas apresentados, dão a eles esse lugar de porta-voz do discurso da comunidade LGBTQIA+. Além disso, Moraes (2019) aponta que outra forma para reforçar esse ativismo é a compreensão por parte dos jornalistas de um Eu que constrói o Outro, que passa a ser afetado pela notícia e se vê representado pelo discurso.

Para Martins e Martins (2021), com esse “novo jeito” de fazer o telejornalismo, o “jornalismo de subjetividade”, no qual é incitada uma subversão dos modos da objetividade jornalística, o jornalista torna-se agente de combate em questões como o sexismo epistêmico. Assim como visto nos recortes trazidos acima, as autoras afirmam que o “subjetivo e objetivo não se excluem, mas, antes de tudo, se complementam” na construção das notícias.

Dessa forma, baseando-se nas premissas do jornalismo da subjetividade apontadas por Moraes (2018), nos casos apresentados neste estudo os jornalistas deram relevância a pauta LGBTQIA+, que geralmente é suprimida, redefinindo seu valor-notícia. Além disso, contribuíram para fortalecer o papel social do jornalismo e ressignificar estereotípicos que, muitas vezes, são construídos pelo próprio jornalismo.

No que tange a esses estereótipos em notícias sobre a comunidade LGBTQIA+, é preciso que o jornalismo não mais os reforce, mas trabalhe a fim de naturalizar essa pauta. Assim, considerando que as vivências e experiências dos jornalistas influenciam no modo como eles produzem e noticiam as diversas pautas, é fundamental uma maior participação de jornalistas da comunidade LGBTQIA+ no telejornalismo. Com essa inserção, espera-se que as notícias sobre essa população sejam construídas e apresentadas sem o viés

ideológico estrutural de uma sociedade cis-heteronormativa, mas na perspectiva de quem vive e é atravessado pela pauta.

Por fim, cabe discutir também o papel do âncora no telejornalismo, como é o caso, por exemplo, de Marcelo Cosme e Leilane Neubarth nos casos apresentados. De acordo com Cerqueira (2022), expor opinião sobre determinado assunto, quando alinhado ao roteiro do telejornal, faz parte das atribuições do âncora. Entretanto, na mídia hegemônica esses profissionais passam por constrangimentos já citados neste estudo até mesmo nessa função. Outro ponto destacado pelo autor é a responsabilidade com a imagem do âncora que atrela sua vida pessoal e profissional, pois “ele deixa de ser aquele que pauta para também ser um possível produto a ser pautado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o exposto, considera-se que além de todo o preconceito existente na sociedade brasileira, ainda é necessário discutir e problematizar a cis-heteronormatividade imposta sobre algumas profissões, como é o caso dos jornalistas, sobretudo dos profissionais que estão diariamente em frente às câmeras, no telejornalismo.

Cabe pontuar também que a baixa participação de profissionais LGBTQIA+ no telejornalismo, sobretudo em postos de maior visibilidade tende a ser consequência da omissão de jornalistas que, por diversos motivos, como censura (ou autocensura) e busca ascensão na carreira, optaram por não se posicionarem, limitando essa discussão no campo do jornalismo há mais tempo.

Ressalta-se também, pelas pesquisas realizadas, a ausência ainda maior de profissionais transexuais em telejornais, o que remete a necessidade de políticas para ingresso dessa população no mercado da comunicação.

No que tange à discussão sobre a subjetividade no telejornalismo pautada neste estudo, é fundamental considerar o cuidado que os jornalistas e produtores de telejornais devem ter para evitar vícios e superficialização de temas e agendas importantes, como é a pauta LGBTQIA+.

Por fim, considera-se que a academia tem, recentemente, notado a problemática da ausência de profissionais da comunidade no telejornalismo e que são necessários estudos, debates e dados mais robustos a respeito do tema. Para tanto, é fundamental

entender quem são e onde estão esses profissionais, excluídos até mesmo do relatório do Perfil dos Jornalistas. Faz-se necessária também a discussão da importância dos recentes movimentos de exposição e encorajamento por parte de colegas de profissão e dos desafios que ainda enfrentam no mercado da comunicação, para que se tenha uma imprensa livre, diversa, segura e acolhedora para todos os seus profissionais.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Francisco de. A comunidade de jornalistas LGBTQIA+ e o esforço das ações afirmativas num Brasil conservador. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 2, p. 153–169, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/196841>. Acesso em: 19 mai. 2024.

ASSIS, Ingrid Pereira de; FREIRE, Karla Cristina Ferro; AYRES, Melina de La Barrera. O silenciamento da comunidade LGBTTTQ+ no telejornalismo. **Revista Interdisciplinar Interthesis**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 01-23, maio de 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/75175>. Acesso em: 16 jan. 2024.

BECKER, Beatriz. **Televisão e Telejornalismo: Transições**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2022.

BENÍCIO, Jeff. **Jornalistas da Globo livres para se assumirem bi ou lésbicas**. 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/jornalistas-da-globo-livres-para-se-assumirem-bi-ou-lesbicas,9fd53cc2521f7ff5e942fc071ea2332d491eq0j5.html>. Acesso em: 03 nov. 2023.

BENÍCIO, Jeff. **7 âncoras ajudam a quebrar o tabu de gays em telejornais**. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/7-ancoras-ajudam-a-quebrar-o-tabu-de-gays-em-telejornais,83c6ed75f8bad48c5d95edfba067f89c3gxuf47.html>. Acesso em: 03 nov. 2023.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso** 3. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

CERQUEIRA, Chris Levi Vieira. **POD LACRAR: a representatividade do profissional de jornalismo LGBTQIA+ soteropolitano**. 2022. 42 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação e Marketing, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2022. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/4800>. Acesso em: 18 mai. 2024.

DARDE, Vicente William da Silva. **A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira**. Revista Em Questão, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 223-234, dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/3109/4731>. Acesso em: 02 jun. 2023.

DARDE, Vicente William da Silva. **O padrão normativo na notícia: uma reflexão sobre as representações das masculinidades no discurso jornalístico**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.194-203, dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2651/1691>. Acesso em: 18 mai 2024.

DARDE, Vicente; MORIGI, Valdir. **Diversidade Sexual no Jornalismo Brasileiro: um estudo sobre as representações da população LGBT nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.** SBPJor / Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, v. 8, n. 1, p.149-165, 2012. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/396/368>. Acesso em: 08 mai. 2024.

DIAS, Surenã. **Jornalista da Globo fala sobre luta contra preconceito após revelar namoro gay.** 2021. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/jornalista-da-globo-fala-sobre-luta-contrapreconceito-apos-revelar-namoro-gay>. Acesso em: 03 nov. 2023.

FBSP: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo.** Porto Alegre: Tchê, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, Samuel Pantoja (org.). **Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho.** Florianópolis: Quorum, 2022. 220 p. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2023.

MARTINS, Maura Oliveira; MARTINS, Rafael Barbosa Fialho. Telejornalismo de subjetividade como mecanismo de visibilidade de minorias indenteditárias: relatos pessoais de jornalistas negras(os). In: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariana; COUTINHO, Iluska (org.). **Teorias do jornalismo como direito humano.** Florianópolis: Insular, 2021. p. 280.

MENDES, Gyselle. **Representação de LGBTs na mídia: entre o silêncio e o estereótipo.** 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/representacao-de-lgbts-na-midia-entre-o-silencio-e-o-estereotipo/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

MONTALVÃO, Allan Michael. **SEM SINAL: uma grande reportagem sobre o mercado de trabalho de telejornalismo para pessoas LGBTQIA+ Brasília.** 2020. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

MORAES, Fabiana. Para que serve um jornalismo de subjetividade? In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 16, 2018. **Anais...** São Paulo: SBPJOR, 2018.

MORAES, Fabiana; SILVA, Marcia Veiga. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. **COMPOS**, 28, 2019, **Anais...** Porto Alegre: Compós, 2019

MOURA, Renan Gomes de; NASCIMENTO, Rejane Prevot. O gay afeminado nas organizações: uma tensão permanente com padrões heteronormativos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 1-15, abr. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/GFfHVJKQJtM4xQr3YCxWdwp/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 02 nov. 2023.

OLIVEIRA, Crystian dos Santos. **IDENTIDADE PROFISSIONAL E DE GÊNERO NO CONTEMPORNEO**. 2021. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2021.

PORTO, J. L.; FEITOSA, S.A. “Põe a cara no sol, mona”: a heteronormatividade no exercício da profissão do jornalista gay. SBPjor (VII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo). **Anais...** 2017. Disponível em: <https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/JPJor2017/paper/viewFile/922/249>. Acesso em: 02 nov. 2023.

SILVA, Patrick Lóss Fernandes da; FIEL, Arthur Felipe de Oliveira. Corpos LGBTQIA+ no telejornalismo: representação e representatividade. In: Seminário Comunicação e Territorialidades, 8º, 2023, Vitória. **Anais...** Vitória: Póscom Ufes, 2023. p. 1-6. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/poscomufes/article/view/42871>. Acesso em: 18 jun. 2024.

UOL (São Paulo). **Leilane, Cosme e mais**: Os jornalistas LGBTQIA+ da televisão. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/06/28/jornalistas-lgtbqia.htm>. Acesso em: 03 nov. 2023.